

Palavras do silêncio

Words of silence

*João Batista Ferreira**

Resumo: O silêncio é a pausa da palavra. Palavra e silêncio se permutam todo o tempo. Portanto, está em todas as manifestações humanas. Uma breve passagem pelo tempo o comprova, como se pode ver em algumas áreas do saber. Como a palavra, o silêncio carrega múltiplos significados. A psicanálise se oferece como escuta privilegiada do discurso tanto pronunciado como mudo, na neurose e na psicose. Exigem-se habilidade e sensibilidade para o manejo nos dois “estados” e, em tudo, neutralidade, atenção e simpatia.

Palavras-chave: Silêncio, palavra, escuta.

Abstract: *The silence is the pause between words. Words and silence move along all the time. Therefore, it is in all human manifestations. It is proven by the slightly passage of time, as we can see in some knowledgeable areas. As the words, the silence has several meanings. The Psychoanalysis offers itself in a privilege way by listening either to the talkative speech as well as for the silent one, in the neurosis and psychosis alike. It demands the ability as well as the sensibility to manage both stages, and in all, neutrality, attention and sympathy.*

Keywords: *Silence, word, listening.*

* Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ.

*Mãe, o que eu conversava, quando estava na sua barriga?
Nada, meu filho; você ainda não falava.
Então, o que é que eu dizia?*

“Dentre todas as manifestações humanas, o silêncio continua sendo a que, de maneira muito pura, melhor exprime a estrutura densa e compacta, sem ruído nem palavra, de nosso próprio inconsciente” (Nasio, 1987).

O inconsciente é silêncio, estruturado como linguagem. Em tudo há eloqüente silêncio. E tácita palavra.

Fora de qualquer outro modelo conhecido, a psicanálise se faz com a mais radical originalidade, entre duas pessoas, onde uma fala e a outra escuta: o silêncio como presença obrigatória. Com este pequeno recorte, começa o nosso modesto olhar sobre o silêncio. Não há, na psicanálise, uma metapsicologia do silêncio; talvez não devesse ocupar lugar na terminologia psicanalítica. Mas se pouco se lê nos textos de Sigmund Freud sobre o vocábulo (o termo é raramente usado), ele ecoa, grita todo o tempo, dentro e fora desse criativo encontro entre o analista e o analisando.

Considerações gerais

A primeira análise do silêncio é de Ferenczi (1990 [1910]), em breve notícia sobre um obsessivo avaro, econômico nas palavras, justificando a atitude com uma ponta de ironia: “*o silêncio é de ouro, doutor*”. O psicanalista húngaro não perdeu tempo, lembrou-lhe a dificuldade com o trato intestinal e lhe mostrou a identidade simbólica entre fezes e ouro e que o sentido psicológico do provérbio é o de “*não falar representar em si uma economia*”. A contabilidade, até nas palavras, cobrava no sintoma seu preço. Conta-nos sobre um outro paciente, histérico, com dois sintomas: afonia e espasmo do esfíncter anal. De bom humor, era loquaz e abundante na “obra”. Deprimido, padecia de constipação e ficava afônico. Afirma, no texto, ter aprendido com Freud que há uma relação próxima da fala com o erotismo anal.

Karl Abraham (1977), em *Contribuições do erotismo oral na formação do caráter*, pensa como Ferenczi e atribui ao falar uma função excretória, podendo chegar à logorréia como acontece aos verborréicos, e ao silêncio associa a função constipativa, indo até à retenção absoluta, no mutismo. A palavra expulsa e o silêncio retém.

Em 1948, Werner Kemper escreveu na Alemanha: *Der Patient schweigt*¹.

A partir de 1960, multiplicaram-se os textos sobre o silêncio. A maior concentração deles está entre os psicanalistas americanos e os simpatizantes do movimento inglês, o Grupo do Meio (*Middle Group*).

Masud Khan (1974) publicou um artigo lapidar, que intitulou *O silêncio como comunicação*. Embora esta singular forma seja usada, quer pelo paciente quer pelo analista, Khan a foca mais na pessoa do psicanalista, poliglota, discorrendo sobre os vários sons de seu silêncio, defensivo, acolhedor, pensativo, povoado de associações, cuja riqueza ultrapassa qualquer discurso por mais apropriado que seja. Fenomenologicamente, é distinto o silêncio na relação com a criança, com o adolescente e com o adulto. Outra pontuação é a apreensão correta do humor que tempera o silêncio, sobretudo se a fonte é mágoa, rancor ou saudade. Este procedimento não é fácil, exige uma grande aplicação. É um trabalho conflitivo entre o entender e o mal entendido, o percebido e o despercebido. E, como lembra o autor, quando se trata de criança e de adolescente, os ritmos, os solfejos costumam uma forma mista que vai postular uma escuta diferenciada, inclusive com interpretações “mais superficiais”, visando, primeiro, dar-lhes condições do fortalecimento egóico de que tanto carecem. Na dúvida, o silêncio... Complementando com Ferenczi, em qualquer circunstância, simpatia.

O primeiro simpósio, na França, sobre o tema, realizou-se em Paris, em 1985, com a justificativa de que o evento surgira pela “escassez de trabalhos psicanalíticos sobre o silêncio”. A organização do encontro foi empreendida por Juan-David Nasio (1987).

Em 1986, ainda em Paris, aconteceu o colóquio *O psicanalista sob o terror*. Os franceses queriam saber como era fazer análise na América Latina, nos países controlados pela ditadura. A discussão girava em torno de questões como: a comunicação em um regime sob censura e delação; os segredos de “guerra”, ditos entre quatro paredes; a escuta neutra e confiável. Como se fazia ela? Lá estiveram o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e a Clínica Social de Psicanálise.

Na aventura humana, antes do ato e do verbo, ele comparece no começo. No princípio, era o silêncio, e no fim, é o silêncio, no nascimento e na morte. Está fortemente presente no amor e na dor. Quanto maior a surpresa ou o espanto, menos palavras para expressá-los.

O silêncio antecede em muito a inauguração da palavra. Mas, a criança tem razão, quando pergunta: *Se eu ainda não falava, então, o que é que eu dizia?*

¹ O paciente cala.

Na filosofia, vamos encontrar os pitagóricos, na contramão da maiêutica de Sócrates, devotando um grande apreço ao silêncio, lugar por excelência para se lidar com os números. Enquanto o filósofo da Ática recorria à palavra para provar a competência de um escravo na demonstração do teorema de Euclides, o filósofo da metempsicose recorria ao silêncio para concluir que a “soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa”. A exaltação de Pitágoras com a inspiração do silêncio o levou a promover uma hecatombe para agradecer aos deuses.

Os druidas gauleses só admitiam ao grupo dos adultos aqueles que soubessem cultivar o silêncio.

Grupos religiosos sempre viram no silêncio a condição para se falar com a divindade: se eu quiser falar com Deus, preciso fechar os olhos e calar a voz. É a experiência mística um abandono completo do ser na arte da união com o Absoluto. Aqui, não ficaria fora de propósito a paráfrase: se eu quiser escutar o paciente, preciso abrir os olhos e fechar a boca. *Pone, Domine, custodiam ori meo et ostium circumstantiae labiis meis* (Salmo 140)². E em várias religiões, para a consecução da experiência silenciosa, acolhida como um dom, buscavam-se os claustros, os desertos e as montanhas para a prática do voto solene do silêncio. As últimas palavras do professo são: “*Juro, perante Deus e a Comunidade Humana, nunca mais dizer uma só palavra, amém*”. E se cala para sempre³. E faz parte da etiqueta, da elegância, sabedoria e prudência, mais

silêncio do que palavra. *Quando hables, procura que tus palabras sean mejores que el silencio*⁴.

A riqueza que o silêncio encerra é de difícil administração; daí o pânico que provoca, gerando o ruído como escape, calando com o barulho a voz. Essa fuga ruidosa é uma prática que se alastra no contemporâneo.

Em contrapartida, nada mais subjetivante do que o silêncio: aquilo que não se diz, o que se guarda, segredo ou mistério, cujo conhecimento ou desconhecimento permanecerá no escuro. Daí, o sujeito como mistério (μυστηρι: *místico*, “*moustache*”, *lábio*), em Gabriel Marcel, e o sujeito como absurdo, em

² Vulgata, Sl. 140: *Ponde, Senhor, uma guarda em minha boca e uma sentinela à porta de meus lábios.*

³ O místico se afasta da realidade não por desprezo, mas por reverência, para ouvir o silêncio da natureza, seu murmúrio e marulho, sentir seu odor, ardor e calor, pelo amor à humanidade e não pelo horror à natureza. Esta experiência nem sempre foi positiva. O **quietismo** de Miguel de Molinos, com a prática do **silêncio inefável** (que de modo algum pode ser falado), foi, no século XVII, duramente combatido por François Fénelon, como busca equivocada da mística.

⁴ *Quando fales, cuida que tuas palavras sejam melhores do que o silêncio.* Dom Quixote recorre ao dito espanhol para calar o falatório de Sancho Pança.

Albert Camus (1942) ($\alpha\lambda\omicron\gamma\omicron\sigma$ – *Ab-sussurro*), fora da palavra, sussurro inaudível. Sísifo⁵ derrotava o destino nas pausas de seu tormento, quando só ouvia o silêncio, e a pedra rolava do alto à planície. Camus segue a mesma linha de Kierkegaard, o silêncio como condição para a consciência e a criação.

Os amantes, engolfados em suas emoções, não encontram outro refúgio que o silêncio, sustento e privação do amor dos dois.

A comunicação humana atua muito além dos verbos e de seus significados. Há significações implícitas que surgem de pequenos contornos, como se vê, na arte: cor, forma, traço, linha. Na música, há os tons e semitons que provocam emoções, no embalo da melodia. A rigor, pode não haver verbo e substantivo, e a comunicação se faz. Melanie Klein (1969), em nota de rodapé, cita Samuel Butler, que fala da dama que levanta a taça e bebe à saúde do cavaleiro, brindando unicamente com os olhos, e ele reciproca encantado. Para Klein, essa forma de comunicação embute a prolação ($\lambda\omicron\gamma\omicron\sigma$) de um discurso ($\phi\omicron\nu\eta$) sem palavras.

Em o Correio da Manhã, Hélio Pellegrino (07/04/1968) escreveu um artigo intitulado *Morte e ressurreição de Edson Luís*, onde, falando do estudante assassinado pela ditadura, diz: *morto, ele nos comoveu a todos, além de qualquer palavra. E não só nos comoveu, mas nos moveu. E nos move agora a bradar nas ruas. Calou-se a voz de um jovem estudante, nosso filho, filho da pátria brasileira.*

O tema instiga. Sua história é longa. Por onde os olhos passam, palavra e silêncio se apresentam para explicar a estrutura densa e compacta das manifestações humanas. As publicações não secaram e uma fecunda discussão continua. Caberia citar, pela originalidade dos trabalhos, duas recentes publicações: a de Sonia Nassim (2000), *A lembrança do silêncio*, e a de Glaucia Dunley, *O silêncio da Acrópole* (2001)⁶.

Epifania do silêncio

Falar serve a muitos propósitos e o silêncio também. E, na filosofia popular, “a palavra vale prata, o silêncio vale ouro”. São infindos os significados do silêncio. O silêncio da escuta, o silêncio da pausa, o silêncio da transferência. Temos o da neurose, aquele da psicose. O do analisando e o do analista.

⁵ Sísifo, condenado por Hades, sabe de seu eterno tormento. Mas, a clarividência lhe mostra, no silêncio da descida, que seu castigo era também sua vitória.

⁶ [Glaucia Dunley] Literatura e poesia enriquecem o texto denso e profundo, tornando-o agradável na leitura e compreensão. A bibliografia fala do rigor da pesquisa. Não há hermetismo nem prolixidade. O estudo do trágico em Freud se faz com questionamentos à teoria psicanalítica de forma pertinente e criativa.

O analista silencioso, ou algumas vezes mudo, está tomado de associações da escuta analítica. E para deixar surgir as pontuações que o discurso do paciente demanda, a vacuidade interna é um pré-requisito. Importa a consciência de que nem a *palavra plena* nem a *palavra vazia* estão necessariamente ligadas à proximidade ou ao mutismo, ao maior ou menor número de palavras. A presença da emoção, acompanhada de simbolizações, metáforas e metonímias, eis o que se espera no conteúdo do discurso. Em resumo, palavra e silêncio são binômio comutativo, cuja regência, em psicanálise, depende do paciente.

Há o silêncio da instituição e na instituição; o silêncio do auditório; o do suicida. Este, *impossível de se decifrar*, como escreveu Freud (1969 [1919]) a Lou-Salomé, comentando a morte de Tausk. Recusado pelo Herr, é enviado a Hélène Deutsch para dar conta do difícil paciente psicanalista que se mata, deixando uma carta em que inocenta Freud de sua morte. O que foi que aconteceu?

O silêncio das lágrimas e as lágrimas silenciosas, no paciente e no analista, é outro campo delicado e cheio de sombras. Há o difícil, pesado e terno, do paciente autista. Contundente é o silêncio, sem meio termo, radical, da morte.

Ora é defesa, ora é sideração, isto é, processo que consiste em conduzir o sujeito a viver uma experiência de desapreensão, na qual perde até o suporte da fala. Desta posição originária parte para o recomeço com novas significações, limite estático: *tu es cela* (você é isto). Ora é pausa, ora agride; às vezes é grito; outras, cassa a palavra do outro; pode significar cuidado, como pode demonstrar ternura.

O filho de Wilhelm Fliess, Robert Fliess, em 1949, escreveu longo artigo sobre *O silêncio e a verbalização, um suplemento à teoria da 'Regra Analítica'*, que mereceu, já não atribuindo grande interesse 'às fases da libido', o seguinte comentário de Lacan (1966): "Robert Fliess... nos demonstra que o discurso em seu conjunto pode tornar-se objeto de uma erotização conforme o deslocamento da erogeneidade na imagem corporal, momentaneamente determinado pela relação analítica".

Esconder é o que mais recorrentemente se associa ao silêncio. No armário, há sempre um esqueleto (*skeleton in the cupboard*), ou que se guarda lá, ou que se esconde lá, ou que se quer ignorar lá, ou que nem se sabe se existe lá.

A regra analítica tenta ir além de Ludwig Wittgenstein na proposição: *deve-se calar sobre aquilo de que não se pode falar*. A psicanálise inaugura o encontro com o paciente, convidando-o a falar espontaneamente tudo o que lhe venha à mente. É um apelo desarmado, mas enfático, e que embute a promessa de uma escuta isenta e uma descrição absoluta. Começa aí uma construção a dois, nem sempre automática, rápida e exitosa, na relação analítica. No

entanto, é impossível tudo dizer, da mesma forma como é impossível tudo escutar. Esta injúria é traço indelével na relação analítica, onde o suporte se chama transferência.

Foi a histórica Fanny Moser, Frau Emmy von N., *Estudo sobre a histeria* (1974 [1889]), que começou a pavimentar o caminho da psicanálise com o “trinômio” *fique quieto, não diga nada, não me toque*. E repetia o imperativo muitas vezes, no delírio ou fora dele, para que ficasse como base e chão do “novo método” de tratamento. Enfim, o caminho é esse, se o nome da estrada for psicanálise.

Ainda nos primórdios da psicanálise, há o episódio, relatado por Kardiner, da conversa de Strachey e Rikman sobre Freud, mudo com um e tagarela com outro. Queriam um desempate, então perguntam a Kardiner: “Como é o Mestre com você, ele fala ou fica calado?”

André Green (1990 [1930]), em seu livro *La folie privée*, diz que não é de Freud a “regra de ouro”, o silêncio por parte do terapeuta, embora não haja dúvida sobre a função estruturante da posição silenciosa, presente todo o tempo nas entrelinhas dos escritos do Mestre. A “regra básica”, sim, é dele: falar o que ocorra, transpondo a censura, mesmo que o falado possa não ser agradável. Falar como se estivesse pensando alto, pensamentos e impulsos, postos no registro da palavra falada, o que depois vai ser batizado de *livre associação*, cabendo ao analista, no dizer de Winnicott, um *silêncio laborioso* na escuta.

O livro *Construções em análise* (1974 [1937]) traz uma citação de Freud que parece uma justificativa pela ausência de um estudo sobre o silêncio:

[...] o trabalho de análise consiste em duas partes inteiramente diferentes, isto é, ele é levado a cabo em duas localidades separadas, envolve duas pessoas, a cada uma das quais é atribuída uma tarefa distinta. [Uma que fala e outra que escuta]. Pode, por um momento, parecer estranho que um fato tão fundamental não tenha sido mencionado antes, mas logo se perceberá que nada estava sendo retido nisso, que se trata de um fato universalmente conhecido e, por assim dizer, auto-evidente, e que simplesmente é colocado em relevo aqui e examinado de modo isolado para um propósito específico.

Além de fazer silêncio para o paciente falar, o analista deve fazer silêncio sobre sua vida, escolhas e gostos. A regra da abstinência faz parte da técnica psicanalítica. Creio que este é um dos pontos mais difíceis da prática clínica:

não ter memória e desejo. Tomando de empréstimo o modelo da oração do dependente químico, poderíamos pedir o dom de saber falar e o dom de saber calar, mas, sobretudo, o dom de saber discernir entre uma coisa e outra.

Lacan, nos Escritos (1966), faz uma comparação do analista com o morto do jogo de cartas do buraco. Morto vivíssimo com as cartas que vai revelar, com as surpresas que guarda em silêncio, completando e fechando o jogo.

Outra comparação eloqüente é a do espelho, lugar silencioso por excelência que fez Clarice Lispector (1979), em *Água viva*, extasiar-se com o mistério que é o encontro com a reflexão, na lâmina muda do vidro:

Espelho é esse vazio cristalizado que tem dentro de si espaço para se ir sempre em frente sem parar, pois espelho é o espaço mais fundo que existe, onde o silêncio se desdobra em outros silêncios. Do deserto voltaria vazia, translúcida e iluminada, com o mesmo silêncio vibrante do espelho.

E é tão relevante a questão do silêncio que levou Theodor Reik (1926) a postular uma terceira orelha para plenamente poder escutá-lo:

O paciente penetra na situação analítica, única em nossa civilização, saindo do silêncio. Ele faz silêncio sobre algumas de suas experiências, emoções e pensamentos, mesmo que tenha se mostrado muito falante e mesmo o mais volúvel possível. Talvez tenha falado bastante de si mesmo e de suas experiências, mas não falou desse lado de si que aflora silenciosamente na situação analítica [o inconsciente].

Lacan mofava do exagero de uma orelha a mais.

Em *A lógica do fantasma* (1997 [1967]), Jacques Lacan distingue, como os cétricos da Escola de Pirro, o *taceo, tacere* (σιωπαω), suspensão de palavra, e o *sileo, silere* (σιγλω), ausência de voz, silêncio da pulsão.

Há, em grego, uma origem comum na raiz dos dois verbos, muito recorrente nas antinomias: em latim, *clamare*, gritar, e *clam*, secretamente; em alemão, *Stimme*, voz, e *stumm*, mudo. Na língua egípcia é muito comum a formação de palavras com sentidos antitéticos.

Com este recurso explica-se o silêncio do recalque, o silêncio do que não se quer dizer, ou que é dito pelo seu contrário (palavra barrada), e o silêncio da forclusão, silêncio do que não tem como ser nomeado (vazio de palavra). No

primeiro caso, a palavra pode ser falada com a quebra do silêncio. No segundo, o silêncio pode falar como exclusão da palavra.

O que não pode ser dito, o forcluído, o que está excluído, mas incluído de outra forma, porque atua, não segue o mesmo caminho do recalque e precisará de um tempo, embora não determinado, para se pronunciar ou jamais o fará. Aqui o analista terá que recorrer à invenção.

Pelo exposto, entender o silêncio como um aquém da palavra é apenas entendê-lo parcialmente, pois pode muito bem ser um além da palavra.

Usualmente não há, em português, o hábito de se distinguir calar-se de silenciar-se. Mas, já que elucidada, é bom dizer que o *tacere* envolve um ato de volição, ausente no *silere*. Não importa a razão, podem ser várias, cala-se. Além do mais, há sobre o calar um aprendizado e uma sabedoria, gerando em todas as línguas uma infinidade de axiomas e máximas sobre a boca fechada. Ora é assentimento, ora é negação.

Jean Jacques Rousseau, músico, professor, compositor, autor da ópera *As musas galantes*, falando sobre a origem da linguagem, dá grande importância ao silêncio como às pausas na música. É ele que nos conta a história de Hipérides que conseguiu a absolvição para a cortesã Frinéia, sem dizer uma só palavra, no ato da defesa. Acusada pelo crime de pousar nua no atelier de Apeles para representar Afrodite, sua inocência foi declarada, quando o advogado a despiu na frente dos jurados. Tocados pela beleza da mulher, consideraram-na digna de representar a deusa.

Algo semelhante vê-se em Capitu. Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, com maestria e graça, joga sobre a ambigüidade dos fatos um radical silêncio, o que deixa a dúvida sobre o adultério, mesmo o filho sendo a cara de Escobar, o melhor amigo de Bentinho.

O silêncio também fala e, quando não é palavra, prepara seu advento.

Primeiro, se é *in-fans* (o que não fala), depois se é *fans* (o que fala). Ou seja, é-se *fans* sempre. Portanto, mesmo que não se fale, sempre se está a dizer alguma coisa, no sonho, no lapso, no ato falho, no chiste e no sintoma. Além do mais, é o silêncio que apaga o manifesto para ensejar o aparecimento do latente. *Se eu ainda não falava, então, o que é que eu dizia?*

O incomodo do silêncio e da palavra

Para o analisando, não raro, o silêncio remete ao desamparo: “*Fale comigo; se você fala a luz vem*”. “*Quero um analista que fala*”. A ausência da palavra pode parecer sinônimo de sombra. A palavra é sempre esperada. Em socieda-

de, quando não se fala, alguém se sente impelido a tomar a palavra. É impensável um encontro de duas pessoas, em que ambas se mantenham todo o tempo caladas.

No consultório, aguarda-se a palavra que falta, a palavra mágica, a palavra primitiva da confirmação materna. Por mais mudo ou prolixo que o analista seja, haverá sempre a sensação de que ele deve alguma coisa, não disse tudo, não disse o que convém dizer, como se esse dito fosse possível. E quando não fala, o analisando lhe empresta um discurso para preencher lacunas. O prurido de demonstrar saber ou o excesso de cuidados maternos levará o analista, certamente, a ferir o silêncio, não oferecendo o pano de fundo sobre o qual o paciente desenhe suas projeções. O silêncio incomoda ao analista, com o cansaço e o desconforto ou com a cassação de sua palavra... Incomoda ao paciente que tomará por perdido o tempo sem fala.

O dito não tem volta. E assusta. Por mais que se explique, ele traz uma afirmação que não se apaga com o desmentido ou com a reparação, e nem mesmo com o perdão. Perdoo, mas não esqueço. Falar é revelar-se. É expor-se. É quebrar sigilo. É desvendar mistérios.

O duplo sentido, já na raiz ou consagrado pelo uso, está todo o tempo seja no silêncio, seja na palavra, unindo os opostos, aponto-lhes o sinal positivo ou negativo. Em ambos cabe o sentido de: opressor, provocante, implacável, aprovador, humilde, apaziguador, sublime, sagrado, indulgente etc.

O que está atrás de um silêncio? A pergunta não fica sem alguma resposta.

Em *O estranho* (1976 [1919]), encontramos a pergunta e a resposta de Freud:

De onde provém a inquietante estranheza que emana do silêncio, da solidão, da obscuridade? Nada podemos dizer da solidão, do silêncio, da obscuridade senão que são esses verdadeiramente os elementos aos quais se liga a angústia infantil, que jamais desaparece inteiramente na maioria dos homens.

Dentro da mesma questão, pensa Maud Mannoni (1995), a experiência traumática remete, essencialmente, a uma angústia de abandono que invade o sujeito. Mas reviver experiências da ordem do desamparo e da estranheza é o que possibilita a criação e a renovação.

Não só o calar-se, também o silenciar-se, no analisando e no analista, obedecem a imperativos complexos, imbricados em uma rede, envoltos em véus, cuja visualização nem sempre é possível.

Lê-se, em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1976 [1901]), que, pelos caprichos do recalçamento, o silêncio pode estar embutido no *déjà vu*, no *déjà vécu*, no *déjà-raconté*. Além disso, a emboscada mais comum para o silêncio é a do esquecimento.

Há aquela interessante e didática história:

Um homem polido e culto está em uma cabine de trem. A seu lado, um passageiro. Observa que o comboio passa por um território turco. Ele quer conversar por polidez, quebrar o silêncio, ou para revelar cultura. Fala dos afrescos de Orvieto, mas não consegue lembrar-se do nome do autor. Na cabeça, enquanto o trem serpeava, morte e sexo. Os turcos são submissos à morte e adoram sexo. Dois temas delicados. Ninguém gosta de falar da morte; falar de sexo não gera desgosto, mas o pudor pede reservas. Como está o homem polido com sua vida sexual? Pouco sabemos. Ele já passou dos quarenta anos. Com a morte está mal, está preocupado com o suicídio de um paciente. Como desmanchar a rede? Na escuta do silêncio e no silêncio da palavra. Surgem dois nomes na cabeça do homem culto, Botticelli, Boltraffio, palavras silenciadoras de uma outra. Por que não veio Signorelli?

Se houver uma boa investigação, o “inocente” esquecimento revelará estar cheio de estranheza. Onde se pensa que tudo é silêncio, é lá que estão as palavras reveladoras do mistério!

Silêncio, trauma e psicose

No encontro de duas pessoas, quando a cabine do trem é o consultório, há aquele que deve falar e aquele que deve escutar. O que ali acontece, porém, embora vise um deles, é pertinente aos dois.

A estrada de acesso a esse estranho se faz tanto de palavras como de silêncios. Na cabine do consultório, o passageiro do lado é que vai falar, calar-se e expressar silêncio. Ao outro homem cabe a tarefa de escutar a palavra, o silêncio do homem do lado e o de si mesmo. E é uma tarefa muito difícil, pelos estreitos limites da atuação do analista. Esquece-se com frequência do “novo método” de Fanny (*fique quieto, não diga nada, não me toque*). Pelo incômodo que sofre com a pausa, ou com a tensão gerada pela suspensão da palavra, o analista cuidará de não se adiantar na função, de não oferecer cuidado a mais, de não demonstrar sabedoria, ou ainda de não cair na armadilha das perguntas concretas e abruptas, desmentidos da escuta neutra. Nem sempre o que presta melhor serviço é justo, aquele que mais ama.

A porta para a saída do labirinto do silêncio vem do próprio Freud (1976 [1918]), em *Uma neurose infantil*:

Afinal, seriam encontradas nele, lado a lado, duas correntes libidinais contrárias, das quais uma abominava a idéia de castração, ao passo que a outra estava preparada para aceitá-la e consolar-se como uma compensação. Para além de qualquer dúvida, porém, uma terceira corrente, a mais antiga e profunda, da qual nem sequer poderia suspeitar, era capaz de entrar em atividade.

Poder-se-ia dizer que nas duas primeiras correntes está presente o *tacere*, mas a terceira, fora de qualquer dúvida, é o lugar do *silere*.

Há, por força de proibição, interdito, veto, negação ou medo de falar, uma sombra muda ameaçando a vida. Ali, só o silêncio é o escudo possível para se continuar vivo à espera da palavra que faça a luz.

Há dois exemplos advindos da pintura, que vale a pena lembrar: *Gilles*, de Antoine Watteau (1684), e *O Grito*, de Edward Munch (1863). Os quadros parecem mudos, mas não se esgotam na forma e na cor do que retratam. Falam todo o tempo, impressionando o espectador com a riqueza do que expressam.

“Quem o ouviria, esse grito que não ouvimos, senão justamente porque ele impõe esse reino do silêncio que parece subir e descer nesse espaço centrado e ao mesmo tempo aberto? O grito se faz abismo, onde o silêncio se precipita” (Lacan, 1967 *apud* Nasio, 1989).

Os quadros falam, sem palavras, da dor e do sofrimento que ali habita.

Da mesma forma, o discurso e a grafia deixam marcas, códigos, subtextos. A verdade pode ser comunicada nas entrelinhas. O deciframento analítico é possível, na captação dos símbolos e na perseguição dos deslocamentos. Duas preciosas ferramentas para a compreensão da mensagem são a atenção flutuante e a escuta neutra. Nicolas Torok, a despeito do caso clínico de Freud (1976), *Uma neurose infantil*, decodificou o enigma da morte em Sergi Pankejeff, na criptografia da história familiar, no rastro das gerações...

Assim também as investigações criminais passam horas ouvindo o morto. Em linguagem policial, o corpo da vítima transmite um sem número de preciosas e fundamentais informações de tempo, lugar, forma, circunstâncias da morte, além de características do assassino ou dos assassinos, tipo de arma, direção dos disparos, se profissional ou amador. Enfim, quais foram os últimos atos do morto.

Se não se mexe na cena do crime é para não calar sua voz, embora o ato vise silenciar a vítima.

Morris West (1959) escreveu um primoroso livro sobre o silêncio do trauma, ao transformar em romance um crime cometido na Toscana. O prefeito da cidade é morto por uma jovem de vinte e quatro anos, em pleno dia, de posse de suas faculdades mentais. A bela obra se chamou *A filha do silêncio*. A defesa, impotente diante das evidências, buscou para desqualificar a acusação motivações psicológicas para o assassinato. Uma das testemunhas arroladas foi o catedrático de medicina psiquiátrica da Universidade de Sienna. Assim se resume o depoimento:

Literalmente, a palavra trauma (τραυμα), do grego, significa ferida. No sentido médico refere-se a uma condição mórbida do organismo, causada por um agente externo. No sentido psiquiátrico é uma cicatriz na alma causada por um choque emocional. Se se pode explicar mais claramente, uma cicatriz num dedo é um trauma, embora leve. As deixadas por uma cirurgia são mais sérias. Existem graus similares de cicatrizes, quanto ao que se refere à psique humana. Aqui, o indivíduo que padece a experiência traumática aprisiona-se no desamparo. (...) Nossos atos possuem múltiplas motivações, algumas até de nosso desconhecimento. Quanto à cura, um tratamento por meios medicamentosos e psicoterápicos é sempre recomendável e pode diminuir os efeitos do trauma, o que nem sempre se pode esperar nos casos de um trauma psicótico. Psicose é um desarranjo psíquico profundo, grave e mais ou menos permanente, nem sempre curável, revelando-se através de enfermidades mentais e comportamentos imprevisíveis.

Sophie Morgenstern (1927) foi a primeira psicanalista, na França, a usar o desenho como instrumento de análise em um caso de mutismo. Desenvolveu um método de escuta através dos olhos. O trabalho consistia em observar o paciente, fazer desenhos com ele, já que não dizia uma só palavra.

O menino Jacques, de oito anos, lhe foi encaminhado no hospital para atendimento psicológico. Parara de falar aos dois anos. Tornou-se arredio e passou a contrair uma série de enfermidades.

O horror de que uma criança é tomada a faz riscar de cena toda a significação. Enterra o espelho para o qual não suporta olhar. Para tanto, remete a

cena para algum outro lugar. Mas a carga é deslocada, como em Jacques, gerando sintomas. A análise não consiste, a rigor, em partir do menos conhecido ao mais conhecido, mas abre-se, no silêncio e na palavra, para uma nova organização. As representações gráficas se tornam, antes de tudo, radiografias da própria história. Desorganizadas, acenam para uma nova arquitetura. Mesmo mudo, não ficou sem palavra. O menino, com o tratamento, entendeu e decifrou o enigma: *Tu es cela! Tuer cela! Si tu te tais, elle te tue!*⁷

A falta de simbolização na psicose escorrega para o concreto. E ali, onde “você é isto”, o que poderia significar fugir ao aprisionamento no horror, vai justo ser o lugar do “matar isto”. Ou “você morre”... Se o horror vai se aninhar no estranho, a dor é capaz de criar uma ruptura na subjetividade, fazendo emergir um duplo.

Lacan (1975 [1932]), na sua tese de medicina, *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, conta a história de Marguerite Pantaine Anzieu, que depois do nascimento de seu filho, Didier Anzieu, iniciou um comportamento delirante, sentindo-se perseguida por uma famosa atriz, Hughette Duflos, que sequer conhecia. Aguardando a chegada de Hughette para sua apresentação da noite, golpeou-a com uma navalha. Diz Lacan que *com o mesmo golpe, que a torna culpada perante a lei, ela fere a si mesma*.

Morgenstern surpreendeu-se com a clareza da produção gráfica de Jacques, marcadamente hostil. Entendeu cedo que era o canal de comunicação do menino, arranjo possível após os dois anos. Foi a forma pela qual o inconsciente do paciente encontrou uma solução salutar para com a violência que o horrorizava e atormentava, desde a tenra infância: medo de que o pai lhe cortasse a língua, como foi ficando claro para a analista, ao longo do tratamento. *Para não perder a língua fecho a boca. E me calo*.

A palavra e o silêncio do analisando regem o silêncio e a palavra do analista, é o que estamos todo o tempo afirmando. No entanto, o analista dispõe de alguns instrumentos, de modo particular, a própria análise para poder discernir o consistente do superficial. Deverá também, sobretudo na criança e no adolescente, silenciar menos, interpretar com moderação e até superficialmente, como já se falou, visando dar unidade ao ego fracionado, para depois acolher o que o paciente quer e precisa dizer, indo da superfície à profundidade, até porque o analisando necessita, em primeiro lugar, sentir-se real.

Assim, perceberá a fragmentação associativa do histérico: as rupturas permanentes do discurso do obsessivo, seu isolamento afetivo; a pesada monoto-

⁷ Você é isto! Importa matar isto! Se você se cala, ela [violência] o mata!

nia monocórdica da depressão; a racionalização maciça da paranóia; os aporemias, a incoerência lógica do esquizofrênico; as oscilações do distímico; a morte eivada de culpa no melancólico; o ecoativo e especular no narcísico.

O paciente de Sophie Morgenstern compreendeu cedo que o prazer de falar estava atrelado ao preço de uma grande dor, a perda da língua. O silêncio era uma nova ordenação, para fazer calar o horror, embora com a renúncia do prazer da palavra. Pode-se dizer que o silêncio se fecha ali, onde se inscreve a dor, onde repete, com som e fúria, o grito sufocado. E se o ônus é uma exclusão, pode ser esta a troca possível. Numa linguagem freudiana, sobrevém uma limitação significativa na pulsão de vida.

O cuidado da analista foi evitar o ativismo terapêutico, para que não se tornasse ruído, opondo-se à falta da palavra. Teve o grande mérito de perceber que ela e ele precisavam do silêncio. O silêncio dele era uma proteção. O silêncio dela era uma espera. Entre os dois, a dor e a arte.

A analista concluiu sua apresentação com a notícia de que Jacques, aos poucos, começou a falar, pondo em palavras o que já estava dito nos desenhos. Quem lhe cortava a língua era ele mesmo. *Eu não falo a partir de onde acredito falar*. Ou, por tautologia: *Eu não me calo a partir de onde acredito silenciar*.

Considerações finais

Esta reviravolta, só a psicanálise foi capaz de fazer.

O trauma sofrido pela razão com o advento da psicanálise era já anunciado na filosofia, de forma enfática, com o demolidor Francis Bacon, pela subversão da razão com a denúncia dos *idola: tribus, specus, fori, theatri* (ídola: tribo, caverna, foro, teatro)⁸. Mas, a proposta psicanalítica para a compreensão da dissociação do eu foi para além da subversão, desmontou a razão. Sugerei que a investigação se fizesse na letra, na palavra e, com muita perspicácia, na pausa, no silêncio, do analisando e do analista. É de onde podem vir as novas inscrições, os novos sentidos ou as ressignificações.

Freud (1938), comentando Sófocles, demonstrou como a peça Édipo revela uma investigação criminal em que, aos poucos, o cerco se vai fechando, na

⁸ Ídolos provenientes da tribo: advindos da natureza humana, com suas distorções; Os sentidos não podem ser a única medida de todas as coisas; da caverna: os homens, enquanto indivíduos, cada um com sua percepção; do foro: são gerados pelo intercurso dos indivíduos entre si. Associam-se graças ao discurso, e as palavras são imprecisas, o que leva a inúmeras controvérsias inúteis; do teatro: gerados pelas doutrinas filosóficas que podem derivar para o universo das fábulas e a criação das seitas.

busca de uma verdade escondida, cuja descoberta é surpreendente. *Este é um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma psicanálise.*

Em 1906, Freud fez uma palestra para juristas, onde há uma observação sobre o silêncio do criminoso, cuja função é ocultar os fatos da justiça. Por esta mesma razão, cabe ao juiz de instrução, para montar o processo, desmontar a barreira muda que esconde a verdade. Semelhantemente, cabe ao psicanalista, no caso do histérico, por exemplo, entender a verdade encoberta com um silêncio que o neurótico pode desconhecer que oculta. Ambos, juiz e analista, sabem que uma verdade é escondida. O togado vai buscá-la. O analista vai oferecer a tela para o neurótico desenhá-la.

No *setting* onde se desenrola a trama da transferência, o encontro das duas pessoas, falando do estranho, deságua em explosão de dor e em um arrebatamento de luz, onde, se não pode faltar a palavra, tampouco pode faltar o silêncio, vocalização silenciosa e silêncio vocalizado. Este processo começa por uma desconstrução, onde o prazer pode ser entendido até como um sofrimento. O passo seguinte é o da construção de uma nova significação do sujeito e de seu desejo.

Realizou-se um salto qualitativo da fenomenologia para a estrutura, da superfície para a profundidade, do sintoma para sua significação, do suposto fingimento para uma sondagem do inconsciente. Não houve milagres, não houve e não há mágica, não houve cenas espetaculosas, mas abordou-se aquela “outra cena”, inconsciente, silenciosa, restrita à intimidade de um consultório, sem platéia, onde o médico que antes falava passou a se calar, escutando; e aquele, que antes se calava, descobriu a eloqüência de uma fala sufocada e a experiência inédita de se sentir escutado. Descobriu-se, pela mesma via, que o silêncio era o verdadeiro regente do dueto, onde as pausas, como na música, não significam vazio, tornando-se fundamentais à melodia: pausas e notas. Traduzindo Heidegger, a palavra é filha do silêncio.

João Batista Ferreira

Av. Ataulfo de Paiva, 1079/508

Leblon-Rio de Janeiro-RJ

22440-034

fone: (21)2259-6598

e-mail: jb.lembi@gmail.com

Referências

- ABRAHAM, Karl. *Contribuições do erotismo oral na formação do caráter*. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1915]. (Obras Completas).
- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *Le verbier de l'Homme aux loups*. Paris: Aubier Flammarion, 1976.
- BACON, Francis. *Opere filosofiche*. Bari, Laterze, 1965.
- CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisiphe*. Paris: Gallimard. Les Essais, 1942.
- DUNLEY, Glauca. *O silêncio da Acrópole*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FERENCZI, Sándor. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990 [1910].
- FLIESS, Robert. Silence and verbalization: on the theory of the analytic rule, *International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. 30, 1949, p. 21-30.
- FREUD, Sigmund. *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*. In: _____. Gradiva de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 9). [1906].
- _____. *Construções em análise*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (ESB, 23). [1937].
- _____. *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (ESB, 23). [1940]. p. 165-237.
- _____. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (ESB, 2).
- _____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 17).
- _____. O estranho. In: _____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. [1919]. p. 275-314. (ESB, 17).
- _____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 6).
- _____. Vitor Tausk. In: _____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17). [1919]. p. 399-342.
- GREEN, André. *La folie privée*. Paris: Gallimard, 1990. [1930].
- KHAN, Masud. *The privacy of the self*. London: The Hogarth Press, 1974.
- KLEIN, Melanie. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma: seminário inédito*. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1997.
- _____. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

- _____. *La psychose paranoïaque dans les rapports avec la personnalité*. Paris: Du Seuil, 1975.
- _____. *Problemas cruciais para a psicanálise: aula inédita de 17-03-1967 apud NASIO, Juan-David. O silêncio em psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- MACEDO, Heitor O'Dwyer. *Le psychanalyste sous la terreur*. Paris: Éditions Matrice, 1986.
- MANNONI, Maud. *Amor, ódio, separação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MANNONI, Octave. *Um espanto tão intenso*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- MORGENSTERN, Sophie. *Un cas de mutisme psychogène*. Paris: RFP, 1927.
- NASIO, Juan-David. *Le silence en psychanalyse*. Paris: Éditions Rivages, 1987.
- NASSIM, Sonia. *A lembrança do silêncio*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.
- PELLEGRINO, Hélio. Morte e ressurreição de Edson Luiz. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07/04/1968. Caderno 4, p. 9.
- REIK, Theodor. *Écouter avec la troisième oreille*. Paris: Desclée, 1926.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova Cultura, 1999. (Os pensadores, v. 1).
- WEST, Morris. *Daughter of silence*. London: Wiley, 1959.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Wien: Garnier'Sche, 1921.

**Bibliografia sobre o 'Silêncio',
em ordem cronológica de publicação:
Livros, Revistas, Artigos**

Fontes: Juan David-Nasio NASIO - Biblioteca Freudiana - Acervo Particular

1927

MORGENSTERN, Sophie. Un cas de mutisme psychogène. *Revue Française de Psychanalyse*, I, p. 492-504. Paris, 1927.

1930

PEREPEL (E.). On the physiology of hysterical aphonia and mutism. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 11, p. 185-192, 1930.

1932

FERENCZI, Sándor. La technique du silence. *Psychanalyse*, n. 4, p. 297-299. Paris: Payot, 1982.

1933

REICH, Wilhelm. *La analyse caractérielle*. Paris: Payot, 1934.

1938

BEGLER (E.). On a resistance situation: the patient is silent. *Psychoanalysis Review*, n. 2, p. 170-186, 1938.

1940,

MARJASCH (J.). Les silencieux chroniques dans l'analyse. *Internazionale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago*, v. 25, n. 2, p. 111-123. 1940.

1947

MOLONEY (J. C.). The analyst remains silent. *Diseases of the Nervous System*, n. 8, p. 14-16. 1947.

1948

BEKER (S. J.). Speech disturbances. *Psychiatry*, XI, p. 359-366. 1948.

KEMPER, Werner. *Der Patient schweigt*. *Psyche*, I, p. 503-522. 1948.

1949

BALINT, Michael. L'évolution des buts et des techniques thérapeutiques en psychanalyse. *Amour primaire et technique psychanalytique*, p. 249-250. Paris: Payot, 1949.

FLIESS, Robert. Silence and verbalization: a supplement to the theory of the analytic rule, *International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. 30, p. 21-30. 1949.

1950

BERG, J. H. Van Den. *Du silence et de la reticence*. *Psyché*, n. 5, p. 53-68. Paris. 1950.

1952

MERLOO, Joost. Face association, silence and the multiple function of speech. *Psychiatric Quarterly*, n. 26, p. 21-32. 1952.

VERSTEEG-SOLLEVELD (C. M.). Le silence. *Folio Psychiat. Neerl.*, n. 55, p. 150-160. 1952.

1953

FEICHEL (O.). De l'isolation. *La Théorie psychanalytique des névroses*. Paris: P. U.F., 1953.

FREUD, Anna. *Le moi et les mécanisme de défense*. Paris: P. U.F., 1953.

TOMAN (W.). Pause analysis as a short interviewing technique. *J. Consult. Psychol.*, n. 17, p. 1-17. 1953.

VAN BARK (B. S.). The meaning of silence in the analytic situation. *American Journal of Psycho-Analysis*, n. 13, p. 89-90. 1953.

1957

MERLOO, Joost. Communication in the therapeutic hour: the implication of silence. *General Semantics Bulletin*, p. 20-21. 1957.

MOLINARI (E.). Il silenzio in analisi. *Rivista Psicanalitica*, n. 3, p. 19-34. 1957.

1958

ANAVITARTE (J. P.). Acerca de la interpretacion del silencio. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, n. 2, p. 298-318. 1958.

GLOVER (E.). *Technique de la psychanalyse*. Paris: P. U.F., 1958.

LEVY (K.). Silence in the analytic session. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 39, p. 50-58. 1958.

1959

BALLY (G.). Medizin und Psychologie. *Almanach*, p. 53-65. 1959.

HORANYI (B.). Ueber das Schweigen als Heilmittel. *Z. Psychotter. Med. Psychol.* n. 9, p. 155-157. 1959.

WALDHORN (H. F.). The silent patient. *J. Am. Psa. Ass.*, n. 7, p. 548-560. 1959.

WEST, Morris. *Daughter of silence*. London: Wiley, 1959.

1960

LAPLANCHE, Jean. Le silence de l'analyste. *Revue Française de Psychanalyse*, Document Privé. Paris, 1960.

1961

ARLOW (J. A.). Silence and the theory of technique. *J. Am. Psa. Ass.*, n. 9, p. 44-55. 1961.

BARANDE (R.). Du temps d'un silence - Approche technique contre-transférentielle et psychodynamique. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 25, p. 177-220. 1961.

GREENSON (R. R.). On the silence and sounds of the analytic hour. *J. Am. Psa. Ass.*, n. 9, p. 79-84. 1961.

LOEWENSTEIN (R. M.). The silent patient. *J. Am. Psychoanal. Ass.*, n. 9, p. 2-6. 1961.

LOOMIE (L. S.). Some ego considerations in the silent patient. *J. Am. Psa. Ass.*, n. 9, p. 56-78. 1961.

PRESSMAN (M. D.). Silence in analysis. *Bull. Phila. Ass. Psa.*, n. 11, p. 101-115/168-182. 1961.

VAN DER HEIDE (C). Blank silence and the dream screen. *J. Am. Psia. Ass.*, n. 9, p. 85-90. 1961.

ZELIGS (M.A). Le rôle du silence dans le transfert, le contre-transfert et dans le processus psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 25, p. 779-790. 1961.

1962

LIEF (H.I.). Silence as intervention in psychotherapy. *American Journal of Psycho-Analysis*, n. 22, p. 80-83. 1962.

1963

BARANDE (R.). Essai métapsychologique sur le silence: de l'objet total phallique dans la clinique du silence. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 27, p. 53-115. 1963.

KHAN, Masud. Silence as communications. *Bulletin of the Menninger Clinic*, n. 27, p. 300-313. 1963.

NACHT, Sacha. Silence as an integrative factor. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 45, p. 299-303. Stockholm: IPA, 1963.

1964

AULD, Goldenberg. Equivalence of silence to resistance. *J. Consult. Psychol.*, n. 28, p. 476. 1964.

FERREIRA (J.). On silence. *American Journal of Psychotherapie*, n. 18, p. 109-114. 1964.

1965

BALLY (G.). Ordnung und Ursprünglichkeit, Zuwendung und Ziel. *Psyche*, n. 9, p. 227-228. 1965.

BASAGLIA (F.). Silence in the dialogue with the psychotic. *J. Existent. Psychiat.*, n. 6, p. 99-102. 1965.

MENNINGER (R. W.). On the conspiracy of silence: an obstacle to understanding the patient. *J. Kansas Med. Soc.* n. 66, p. 490-494. 1965.

NACHT, Sacha. Le silence, facteur d'intégration. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 29, p. 271-280. 1965.

WEINBERGER, Joel. Une triade du silence: silence, masochisme, dépression. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 2, p. 257-269. 1965.

1967

BROCHER (T.). Ueber averbale Kommunikation. *Psyche*, n. 21, p. 634-653. 1967.

CALOGERAS (R.). Silence as a technical parameter in psycho-analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 48, p. 536-558. 1967.

PARAMO ORTEGA (R.). Algunas notas sobre el silencio del analista. *Arch. Estud. Psicoan. Psicol. Med.*, n. 4, p. 98-104. 1967.

1969

BERGLER, Edmund. On the resistance situation: the patient is silent. *Selected Papers*, p. 2246-260. New York: Grune & Stratton, 1969.

1970

BROCKBAND (R.). On the analyst's silence in psychoanalysis: a synthesis of intrapsychic content and interpersonal manifestations. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 51, p. 457-464. 1970.

FERENCZI, Sándor. Le silence est d'or. *Oeuvres complètes*, n. 2, p. 255-256. Paris: Payot, 1970.

1971

ALBY, Nicole. L'enfant malade et le silence. *Perspectives Psychiatriques*, n. 34, p. 51-58. 1971.

NACHT, Sacha. Le silence, facteur d'intégration. *Guérir avec Freud*, p. 225-235. Paris: Payot, 1971.

BLOS (P.). Silence: a clinical exploration. *The Psycho-Analytic Quarterly*, n. 41, p. 348-363. 1972.

1974

FREUD, Sigmund, *Construções em análise*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (ESB, 23). [1937].

KHAN, Masud. *The privacy of the self*. London: The Hogarth Press, 1974.

MANNONI, Octave. Le silence. *Psychanalyse et politique*, p. 187-192. Paris: Seuil, 1974.

1976

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *Le verbier de l'Homme aux loups*. Paris: Aubier Flammarion, 1976.

FREUD, Sigmund. *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*. In: Gradiva de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (ESB, 9). [1906].

REIK, Theodor. *Écouter avec la troisième oreille: l'expérience intérieure d'un psychanalyste*. Paris: E.P. I., 1976.

ROSOLATO, Guy. Le non-dit. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 14, p. 5-26. Paris: Gallimard, 1976.

SMIRNOFF, Victor. Du secret. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 14, p. 27-84. Paris: Gallimard, 1976.

1977

ABRAHAM, Karl. *Contribuições do erotismo oral na formação do caráter*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. [1915] (Obras Completas).

FÉLICIEN (J.). Silence et paranoïa. *Topique - Revue Freudienne*, n. 20, p. 41-61. Paris: E.P. I., 1977.

1979

GREEN, André. Le silence du psychanalyste. *Topique - Revue Freudienne*, n. 23, p. 5-25. Paris: E.P. I., 1979.

VIDERMAN (S.). Le temps du silence. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 20, p. 215-232. 1979.

1982

LOMBARD, Pearl. La parole est d'argent, le silence est d'or. *Revue Française de Psychanalyse*, 46, n. 2 spécial, p. 343-346. 1982.

LOEWENSTEIN, Rudolph. Practice and precept in psychoanalytic technique. *Selected Papers*, p. 170-174. Yale University Press, 1982.

TREMBLAIS DUPRÉ, Thérèse. Le silence et l'ailleurs. *Cog Héron*, n. 27, p. 8-15. 1982.

1983

CASTETS, Nadine. Quelques réflexions sur le silence. *Cog Héron*, n. 87, p. 45-52. 1983.

PASINI, Willy. A l'écoute du silence. *Psychothérapies*, v. 3, n. 2, p. 71-78. 1983.

VASSE (D.). L'horreur et le mutisme. *Le poids du réel, la souffrance*, p. 131-164. Paris: Seuil, 1983.

1984

GAGNEBIN, Murielle. *L'irreprésentable ou les silences de l'oeuvre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

KURTZ (S.). On silence. *Psychoanalytic Review*, n. 71, p. 227-245. 1984.

1986

MACEDO, Heitor O'Dwyer. *Le psychanalyste sous la terre*. Paris: Éditions Matrice, 1986.

1987

FRANZINI, Antoine. Une aphonie éloquent. In Juan-David Nasio, *Le silence en psychanalyse*, p. 101-117. Paris: Rivages, 1987.

NASIO, Juan-David. Extraits des oeuvres de S. Freud et de J. Lacan sur le silence. *Le silence en Psychanalyse*, p. 257-268. Paris: Rivages, 1987.

1988

BARBIER, André. Silence de mort, silence de vie, silence et musique. *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, n. 13, p. 51-64. Paris, 1988.

BEN SOUSSAN, Patrick. L'enfant qui se tait, écoute-il? *Études Psychothérapiques*, n. 74, p. 299-306. Paris, 1988.

BROWN, George. Therapeutic effect of silence: application to a case of borderline personality. *Psychoanalytic Thechnique*, p. 123-130. London: The Haworth Press, 1988.

BRUSSET, Bernard. Silence, transfert et fonction des objets. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 53, p. 169-184. Paris, 1988.

GORTAS (J.). Le pluriel du silence. *Cahiers de l'I.P.P.C.*, n. 8, p. 143-152. Paris, 1988.

LECHEVALIER, Bianca. Silence de mort, troubles graves de la pensée et élaboration du contre-transfert. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 52, p. 503-505. Paris, 1988.

1989

CACHARD, Claudie. Au bénéfice du silence. *Cog Héron*, n. 113, p. 94-101. Paris, 1989.

CACHARD, Claudie. Les échos du silence: en guise d'introduction. *Cog Héron*, n. 113, p. 11-13. Paris, 1989.

CACHARD, Claudie. Quelques considération autour du thème: "les échos du silence". *Cog Héron*, n. 113, p. 3-7. Paris, 1989.

NASIO, Juan-David. *O silêncio em psicanálise*. Campinas: Papirus Editora, 1989.

PARIS, Dominique. Du dépaysement au rêve, du silence aux mots. *Cog Héron*, n. 113, p. 54-55. Paris, 1989.

RAMIREZ LEVINE, Annie. Vide et silences. *Rêve de corps, corps du langage*, p. 157-190. Paris: L'Harmattan, 1989.

WINNICOTT, Donald Woods. *Two notes on the use of silence*. London: Karnac Books, 1989.

1990

GREEN, André. Le silence du psychanalyste. *La folie privée*, p. 317-346. Paris: Gallimard, 1990.

1993

WIDLOCHER, Daniel. L'analyse cognitive du silence em psychanalyse. "Quand les mots viennent à manquer". *Revue Internationale de Psychopathologie*, n. 12, p. 509-528. 1993.

1997

LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma*: seminário inédito. São Paulo: Sedes Sapientiae, 1997.

2000

NASSIM, Sonia. *A lembrança do silêncio*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.

2001

DUNLEY, Gláucia. *O silêncio na Acrópole*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.